



Paula Franco, bastonária da Ordem dos Contabilistas Certificados

Economia deve apostar nas áreas que a pandemia expôs como oportunidades

por Maria Antónia Zacarias
fotos Arquivo «Diário do SUL»

Qual é o impacto da pandemia ao nível empresarial na região Alentejo?

Em todos os territórios, a pandemia expôs as fragilidades do tecido empresarial e dos modelos de negócio, já que todas as cadeias de produção e distribuição estão hoje ligadas. Os negócios sujeitos a maior volatilidade na procura (por exemplo, turismo e serviços relacionados) viram aumentada a sua vulnerabilidade pela redução da procura. Mas também veio demonstrar, como em todos os momentos de crise, que a criatividade empresarial é um acelerador da capacidade de adaptação. Sobretudo, a pandemia veio mostrar aos territórios que há setores económicos, em especial o setor primário, que podem ser mais explorados e robustecidos, recentrando as prioridades para áreas de produção até agora objeto de menor investimento estratégico. Todos os setores cuja cadeia de valor pode ser assegurada a nível nacional, da produção à distribuição, poderão ser mais valorizados e contribuir para uma menor dependência externa.

Foram muitas as empresas que recorreram ao lay-off?

A Ordem dos Contabilistas Certificados apenas tem acesso a dados públicos, os quais mostram que aderiram ao lay-off simplificado cerca de 90 mil empresas, abrangendo 735 mil trabalhadores, sendo que 81 por cento dos empregadores são microempresas; 15 por cento pequenas empresas; três por cento de média dimensão; e 0,3 por cento de grande dimensão.

Isso fez com que o vosso trabalho aumentasse neste período?

Os contabilistas certificados (CC) assumem um compromisso profissional que não sofre interrupções ao longo do ano. São uma classe profissional que nunca para, não há períodos de interrupção, as declarações e

Vulnerabilidade é a situação em que se encontra o tecido empresarial e a economia portuguesa. É esta a convicção da Ordem dos Contabilistas Certificados que, em entrevista exclusiva ao Diário do Sul, mostrou que os tempos têm sido difíceis para todos, tendo cabido a estes profissionais desempenhar papéis de "ventiladores" junto das empresas e dos empresários. A bastonária Paula Franco explicou que os contabilistas tiveram que ajudar a planear a gestão de tesouraria dos impostos e contribuições, evitando que muitas empresas avançassem para despedimentos. Tendo um olhar helicóptero sobre o contexto económico, a responsável salientou ainda que a sociedade soube aproveitar bem as competências destes profissionais, considerando que, por isso, deve ser reforçado o seu nível de intervenção no plano corporativo.

A seu ver, foram não só contabilistas, mas sobretudo consultores e parceiros de gestão.

demais obrigações são sempre devidas. Contudo, durante a pandemia os CC foram chamados a intervir em áreas onde, tipicamente, não era exigida a sua participação. Em particular, os CC tiveram de intervir em grande parte do processo de candidatura ao lay-off simplificado, preenchendo e certificando os motivos de situação de crise empresarial, efetuando todos os processamentos salariais em conformidade e gerir as múltiplas e nem sempre claras alterações legislativas, quase diárias, para assegurar o correto cumprimento das obrigações a nível fiscal e de Segurança Social.

Contabilidades foram "barreiras" para travar despedimentos

No caso concreto do setor empresarial, a que pedidos tiveram que dar resposta?

Nas empresas, os CC foram o único apoio dos empresários ou o ponto de ligação com os advogados, num contexto de enorme instabilidade legislativa e dificuldades na obtenção de esclarecimentos por parte das autoridades. Tiveram de ajudar as empresas a planear a gestão de tesouraria dos impostos e contribuições e, podemos dizê-lo sem margem para dúvidas, evitaram que muitas empresas, na precipitação provocada pelo contexto e aumentada pela instabilidade legislativa, avançassem para despedimentos. Num contexto fortemente adverso, souberam ser um farol para as empresas, continuando a assegurar a correta arrecadação de receita fiscal e contributiva. Para os empresários em nome individual e profissionais liberais, não pouparam igualmente esforços na



Paula Franco, bastonária da Ordem dos Contabilistas Certificados

obtenção dos apoios ao dispor e assegurando, igualmente, o cumprimento das obrigações fiscais e contributivas regulares. Muitos passaram a fazer candidaturas a apoios e incentivos e, portanto, a interagir com a gestão da empresa a um nível mais aprofundado do que o da mera preparação de informação financeira e fiscal.

Quer com isso dizer que os contabilistas superaram em muito as suas funções?

Sem dúvida porque foram não só contabilistas, mas sobretudo consultores e parceiros da gestão, além de um pilar de confiança para todos os agentes económicos. Salienta-se que a sua intervenção foi legalmente reforçada, tendo sido solicitada a sua certificação de indicadores económico-financeiros, junto das autoridades fiscais e contributivas, institutos públicos gestores de apoios e incentivos e da banca. Em relação à banca, tiveram ainda de enfrentar práticas menos éticas por parte desta, afirmando-se como garante da fiabilidade e veracidade da informação financeira, que é afinal o cumprimento da sua missão de interesse público. Para tempos difíceis exigem-se profissões fortes e os CC

demonstraram plenamente a capacidade de resiliência e o verdadeiro interesse público da profissão.

Podem dizer-se que contribuíram para minimizar a crise económica que se sente?

Nas suas valências souberam estar na primeira linha e exceder as expectativas dos agentes económicos. Sem a sua intervenção diligente, possivelmente, teria havido mais dificuldades no acesso aos apoios por parte das empresas e, como se disse, maior precipitação dos empresários para acelerar os despedimentos. Houve quem nos chamasse de ventiladores e outros epítetos associados à robustez. Mas, na verdade, o que aconteceu foi que a sociedade tomou, finalmente, consciência da missão de interesse público que há décadas os CC vêm desenvolvendo, sem que, por vezes, lhes tenha sido reconhecido o devido valor social e profissional. Como acontece em todas as crises, há emergência de novos atores, capazes de demonstrar a relevância de uma resposta urgente e necessária. Os contabilistas são um desses atores, que souberam estar sempre presentes e contribuir positivamente.

Adaptação a novos ambientes de negócio e trabalho é crucial para a sobrevivência

Quais são as verdadeiras consequências para as empresas, qual tem sido o feedback que vos tem sido dado por parte dos empresários?

As consequências para as empresas clientes dos CC e para estes tendem a convergir, pois os agentes económicos foram afetados de forma bastante uniforme. Os modelos de negócio da maioria dos agentes económicos terão, naturalmente, de se adaptar ao novo ambiente de negócios e trabalho. Há aqui um agudizar do *darwinismo* económico, em que a adaptação é crucial para a sobrevivência. A gestão a curto prazo ganhou ainda mais importância, o que, em rigor, apenas projeta ainda mais a relevância do controlo de gestão e a definição de estratégias altamente adaptáveis. Repensar estrategicamente o modelo de negócio, no sentido não só de o transformar, mas sobretudo, ajustar em cada momento às exigências do contexto. As cadeias de valor sofreram, a médio prazo, modificações estruturais, pois a forte dependência entre agentes pode obstruir toda a cadeia de produção. Parece evidente que a transformação digital irá acelerar ainda mais, impondo-se como um canal de distribuição estratégico, não obstante as suas altas vulnerabilidades. Depois, a nível mais funcional, a transformação digital vem consolidar a opção pelo teletrabalho e um novo meio de relacionamento empresarial, em que a comunicação passa a ser menos presencial e mais virtual.

As linhas de crédito e as possibilidades dadas às empresas foram suficientes para fazer frente ao problema económico e social?

Essa é uma análise que não compete à OCC, tem de ser feita pelos agentes económicos. Tempos de exceção requerem medidas de exceção, pelo que haverá sempre quem entenda que todos os apoios foram insuficientes, que a sua gestão poderia ter sido otimizada, ou até que foram demais e que apenas chegaram a quem menos precisava. Acima de tudo, é importante que a economia que sairá da pandemia não se torne demasiado assistencialista ou dependente de apoios públicos, mas que saiba procurar oportunidades de mercado nas áreas que o momento expôs como oportunidades.

O que é que poderia ter sido feito ou pode ser ainda feito para atenuar os problemas?

O que poderia ter sido feito, num contexto de exceção, será sempre um exercício inútil, por terem sido circunstâncias únicas e excecionais. O que é importante é tirar lições para o futuro, alavancar oportunidades e rever as prioridades económicas e sociais. As autoridades dispõem de elementos de reflexo suficientes, nomeadamente a Visão Estratégica para o Plano de Recuperação Económica de Portugal 2020-2030, entre muitos outros contributos da sociedade civil, do mundo empresarial e académico. A um nível mais micro, e no que respeita aos CC, fica demonstrado que a sociedade soube aproveitar bem as competências destes profissionais, pelo que deve ser reforçado o seu nível de intervenção no plano corporativo.

Contabilistas viram acrescido o trabalho com uma grande carga de stress

Relação entre profissionais e empresários saiu reforçada da pandemia

Acréscimo de trabalho e muita pressão. Têm sido estes os tempos vivenciados pelos contabilistas neste período de tempo até hoje, num contexto de pandemia em que todos nos tivemos que habituar a viver com um vírus que veio revolucionar toda a humanidade e o entendimento que fazemos de nós, dos outros e do que faz girar, em parte, o mundo – o dinheiro. Os pedidos de ajuda aos contabilistas foram reforçadas, tendo os empresários depositada inteira confiança nestes profissionais que continuam a cumprir a sua missão de encaminhar, aconselhar e apoiar os seus clientes para as melhores estratégias a executar no meio empresarial.

“No decorrer do período da pandemia, decorrido entre março e maio, o nosso trabalho foi drasticamente acrescido pela necessidade de apoio às empresas nossas clientes, analisando legislação que os apoiasse na tomada de decisões”, conta Carlos Silva. Os clientes precisavam dos contabilistas e estes assumiram a obrigação de estar lá para os empresários. “O nosso país é fértil em legislação avulsa e este período pandémico foi o expoente máximo disso mesmo. Todos os dias num período conturbado entre março e maio, saía legislação que tínhamos de analisar e enquadrar para os nossos clientes e para que pudessem usufruir dos apoios e cumprissem com o que lhes

estava previsto como obrigatório e para cada setor de atividade”, sustenta.

Carlos Silva reforça que foram tempos bastante conturbados em que a sua equipa teve de se superar para manter o trabalho “normal” acrescido de todo o acréscimo proveniente da pandemia e consequentes incertezas na atividade económica de todos os clientes. “Num período em que estava a decorrer a entrega de IRS e apuramento de contas do ano de 2019, não foi fácil efetivamente, mas estivemos juntos!”, frisa.

Também Celeste Barbosa explica que o seu gabinete esteve em permanente contacto com todos os seus clientes tendo na primeira semana de pandemia enviado cerca de 15 emails com informações de caráter geral. “Utilizou-se o teletrabalho



para colaboradores durante cerca de três semanas, apesar de estar sempre em permanência no gabinete a sua diretora técnica, coordenando colaboradores e apoiando os clientes que a si recorriam”, afirma, adiantando que teve de ser afeta ao tratamento do pedido de apoios e verificação de todas as condições mais uma assistente administrativa. “Foram efetuados todos os pedidos de apoio enquadráveis para os clientes, bem assim a entrega de elementos para os pedidos de

financiamento quer a nível do turismo, quer da banca”.

A contabilista agradece ainda o apoio da Ordem dos Contabilistas Certificados por “ter sido uma âncora fundamental quer para o cabal esclarecimento da enormidade de legislação produzida e sua interpretação, bem assim como na ligação entre as dificuldades reais sentidas pelos empresários, sendo o contabilista o elo de ligação entre estes e a Ordem e, simultaneamente, os vários ministérios”.

Por sua vez, José Francisco

Sim-Sim avança que pior do que o trabalho aumentar bastante, “foi a enorme pressão em que tivemos de o realizar! Tivemos de ser um autêntico pronto-socorro aos empresários, numa montanha russa vertiginosa de momentos e sentimentos! Com intenções de leis a serem apresentadas todos os dias na comunicação social que depois originavam leis diferentes, as quais eram quase de imediato alteradas. Sem qualquer preparação ou ideia de como operacionalizar junto dos Serviços Centrais e Locais da Administração Pública. Tudo numa sequência frenética e sem qualquer cuidado/filtro para se transmitir o que realmente se legislava”.

Obviamente que isto causou “enorme receio e desorientação, em especial no setor privado e, no que a nós

diz respeito, em boa parte dos empresários”. O contabilista José Francisco Sim-Sim evidencia que coube a estes profissionais “a ingrata e difícil tarefa de filtrar e descodificar a informação (e tantas vezes a desinformação), aprender novos procedimentos, esclarecer os empresários e colaboradores, continuar a realizar todas as tarefas que já antes existiam e tentar manter organizadas as nossas próprias estruturas, empresariais e familiares”. A seu ver, foram momentos de enorme estresse e muito trabalho que ainda continuam, pois boa parte das medidas traduziram-se em adiar pagamentos que agora têm de ser feitos num período ainda de grande incerteza e dificuldade. “Aproveito para agradecer a todos os nossos colegas e colaboradores pelo empenho colocado neste período”, conclui.